

FAMÍLIAS E RIQUEZA DE ESPÉCIES ARBÓREAS NA MATA ATLÂNTICA NO PARQUE ESTADUAL DE JACUPIRANGA. Juliana Cristina Peres, Eliana Cardoso Leite, Diego Sotto Podadera. - Botânica - Agronomia - Unesp - Campus Experimental de Registro.

O Estado de São Paulo originalmente possuía 80% de seu território coberto por formações vegetais naturais. Atualmente este percentual está em torno de 13,4%, dos quais 55,5% é representado por matas e 29,5% por capoeiras (KRONKA *et al.*, 1993).

A vegetação natural representa um patrimônio importante para a humanidade. As conseqüências mais relevantes do processo de destruição das florestas são: a diminuição da diversidade biológica, o distúrbio do regime hidrológico das bacias hidrográficas, as mudanças climáticas e a deterioração da qualidade de vida das populações tradicionais.

A Mata Atlântica é o ecossistema brasileiro que mais sofreu com a insensata destruição causada pelo homem. Cinco séculos de ocupação reduziram-na a pequenas manchas que se concentram na Região Sul/Sudeste, restando, hoje, um pouco mais que 7% de toda sua cobertura original. Mesmo assim, a Floresta Atlântica está entre os 25 “hotspots” do planeta, destacando-se dentre os oito “hotspots” de maior biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000). A Mata Atlântica tem atraído atenções internacionais devido à sua importância estratégica como uma das maiores biodiversidades terrestres. Atualmente toda a Mata Atlântica do Estado de São Paulo constitui a “Reserva da Biosfera da Mata Atlântica”.

No Vale do Ribeira, a extensão de Floresta Ombrófila Densa remanescente ainda é relativamente grande e está representada, principalmente, pelas Unidades de Conservação. Dos 900.000 hectares de Unidades de Conservação do Estado de São Paulo, aproximadamente, 40% estão distribuídos pelo Vale do Ribeira, dentre elas está o Parque Estadual de Jacupiranga - PEJ - que é o maior Parque do Vale do Ribeira, e um dos maiores do Estado, com 150.000 hectares. Até o momento não se tem conhecimento da biodiversidade vegetal que abriga, pois na área não existe nenhum levantamento de vegetação, seja florístico ou fitossociológico.

Dentre os trabalhos realizados na região de Mata Atlântica no Vale do Ribeira podem-se citar estudos florísticos, fitossociológicos e na área de ecologia vegetal como os realizados por BARROS *et al.* (1991), CERVI *et al.* (1992), DIAS (1993), MANTOVANI (1993), MELO & MANTOVANI (1994), SILVA *et al.* (1997), MUNIZ *et al.* (1999), OLIVEIRA *et al.* (2001), IVANAUSKAS *et al.* (2001), AIDAR *et al.* (2001), SZTUTMAN *et al.* (2002), COFFANI-NUNES (2002) e PIZO (2003).

O objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento das famílias botânicas de espécies lenhosas e suas respectivas riquezas de espécies, no Parque Estadual de Jacupiranga - núcleo Caverna do Diabo, visando futuramente subsidiar o Plano de Manejo desta Unidade de Conservação.

O estudo foi realizado no Parque Estadual de Jacupiranga – núcleo Caverna do Diabo, especificamente nas Trilhas do Bugio e do Araçá. O PEJ está localizado entre as coordenadas 24° 35' a 24° 10' S, e 48° 03' a 48° 40' W, com área nos municípios de Barra do Turvo, Cananéia, Eldorado, Iporanga e Jacupiranga. No Parque são encontradas as seguintes formações vegetacionais: restinga alta, floresta ombrófila densa terras baixas, submontana, montana e alto-montana, além de floresta ombrófila mista (Ramos-Neto, 1999).

O levantamento foi realizado através do método de parcelas (MUELLER DOMBOIS & ELLEMBERG, 1974). Foram instaladas 20 parcelas de 20x20 metros e foram amostrados os indivíduos lenhosos com Circunferência a Altura do Peito - CAP - maior ou igual a 15cm. As parcelas foram alocadas na seguinte disposição: 9 na Trilha do Bugio e 9 na Trilha do Araçá e 2 na trilha de acesso à Caverna do Diabo. As trilhas do Bugio e do Araçá ficam num mesmo morro, em faces de exposição diferentes, respectivamente com orientação para Sul e Norte, apresentando altitudes similares. Durante a amostragem observou-se que as parcelas da Trilha do Bugio apresentam sub-bosque mais sombreado e as parcelas da Trilha do Araçá apresentam maior iluminação no sub-bosque em qualquer estação do ano.

Os resultados mostraram um total de 1054 indivíduos, pertencentes a 32 famílias e 134 morfoespécies. As famílias com maior riqueza de espécies foram: Myrtaceae, Rubiaceae, Fabaceae (Faboideae, Caesalpinoideae, Mimosoideae), Meliaceae, Melastomataceae e Lauraceae. Estas somaram aproximadamente 61,8 % das morfoespécies identificadas, representadas na Figura 1. As

demais famílias amostradas foram: Anacardiaceae, Annonaceae, Araliaceae, Arecaceae, Apocynaceae, Cecropiaceae, Celastraceae, Euphorbiaceae, Lecythidaceae, Moraceae, Monimiaceae, Myrsinaceae, Myristicaceae, Nyctaginaceae, Rutaceae, Salicaceae, Sapindaceae, Sapotaceae, Solanaceae e Verbenaceae. A altura média dos indivíduos foi de 10,43m (máxima de 35m e mínima de 1m) e o CAP médio foi de 46,62cm (máximo de 422cm e mínimo de 15cm). Comparando-se os resultados obtidos com outros levantamentos (MANTOVANI, 1993; MELO & MANTOVANI, 1994; OLIVEIRA *et al.*, 2001; AIDAR *et al.*, 2001; PIZO, 2003) realizados em Mata Atlântica no Vale do Ribeira pode-se observar que as famílias Myrtaceae, Fabaceae, Rubiaceae, Lauraceae e Melastomataceae são citadas como aquelas de maior riqueza de espécies para Mata Atlântica, o que coincide com os resultados encontrados neste estudo, exceto para família Meliceacee, que neste caso apresentou também grande riqueza de espécies.

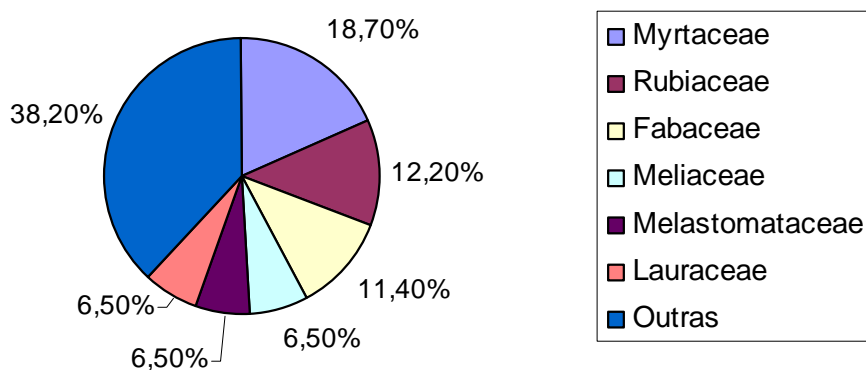


Figura 1 – Famílias e riqueza das espécies arbóreas.

Referências bibliográficas:

- AIDAR, M.P.M.; GODOY, J.R.L.; BERGMANN, J. Atlantic Forest succession calcareous soil, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR - SP. **Revista Bras. Bot.**, v. 24, n. 4, p. 445-469, 2001.
- BARROS, F. *et al.* **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1991. v. 1.
- CERVI, A.C. *et al.* **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1992. v. 3.
- COFFANI-NUNES, J.V. Bromélias. In: SIMÕES, L.L.; LINO, C.F. **Sustentável Mata Atlântica- a exploração de seus recursos florestais**. São Paulo: Senac, 2002.
- DIAS, A.C. **Estrutura e diversidade do componente arbóreo e a regeneração do palmito (*Euterpe edulis*) em um trecho de mata secundária, no P.E. de Carlos Botelho**. 1993. (Dissertação de mestrado).
- IVANAUSKAS, N.M.; MONTEIRO, R.; RODRIGUES, R.R. Levantamento florístico de trecho de floresta atlântica em Pariquera-Açu, São Paulo, Brasil. **Naturalia**, São Paulo, v. 26, p. 97-129. 2001.
- KRONKA, J.N.F.; MATSUKUMA, C.K.; NALON, M. A.; del CALI, I.H.; ROSSI, M.; MATTOS, I.F.A.; SHIN-IKE, M.S.; PONTINHAS, A.A.S. **Inventário Florestal do Estado de São Paulo**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo; Coordenadoria de Informações Tecnológicas; Documentação e Pesquisa; Instituto Florestal. 1993.
- MANTOVANI, W. Estrutura e dinâmica da Floresta Atlântica na Juréia, Iguape – SP. **Tese de livre docência**. Instituto de Biociências, USP – São Paulo. 1993.
- MELO, M.M.R.F.; MANTOVANI, W. Composição florística e estrutura de trecho de Mata Atlântica de encosta, na ilha do Cardoso (Cananéia, SP, Brasil). **Boletim do Instituto de Botânica**, n. 9, p. 107-158, 1994.
- MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York, Ed. Wiley & Sons. 1974. p. 574.
- MUNIZ, C.F.S. *et al.* **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. São Paulo: Instituto de Botânica,

1999. v. 6.

MYERS, N. *et al.* Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, p. 853-858, 2000.

OLIVEIRA, R.J.; MANTOVANI, W.; MELO, M.M.R.F. Estrutura do componente arbustivo-arbóreo da floresta atlântica de encosta, Peruíbe, SP. **Acta Bot. Bras.**, v. 15, n. 3, p. 1-21, 2001.

PIZO, M.A. Padrão de deposição de sementes e sobrevivência de sementes e plântulas de duas espécies de Myrtaceae na Mata Atlântica. **Revista Bras. Bot.** v. 26, n. 3, p. 371-377, 2003.

RAMOS-NETO, M.B. Parque Estadual de Jacupiranga: Síntese e sistematização de informações. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1999. (**Processo SMA 42.532/98**).

SILVA, T.S. *et al.* **Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1997. v. 5.

SZTUTMAN, M.; RODRIGUES, R.R. O Mosaico vegetacional numa área de floresta contínua da planície litorânea, Parque Estadual da Campina do Encantado, Pariquera-Açu, SP. **Revista Bras. Bot.**, v. 25, n. 2, p. 1-13, 2002.